



A ARTE DE FORMAR: CARACTERÍSTICAS DA VISÃO PEDAGÓGICA DE EDITH STEIN

The Art of Formation: Characteristics of Edith Stein's Pedagogical Vision

Edimar Fernando Moreira¹

RESUMO: O presente artigo identifica algumas características da visão pedagógica de Edith Stein e seus desdobramentos no contexto do itinerário formativo da vida religiosa consagrada e do presbiterato. O termo alemão “Bildung” corresponde ao que traduzimos por formação. Significa configurar a alma a aquilo que a pessoa deve ser. Por isso, a pergunta sobre quem é o ser humano é bastante valorizada. Nesse processo, Deus é o mais essencial formador. Em sua liberdade e finitude, o ser humano acolherá ou não a graça divina. O caminho da formação, portanto, é um caminho de autonomia, pois todo formar é um autoformar-se. Assim, a compreensão pedagógica de Edith Stein convida a formação religiosa a compreender o papel primeiro e fundamental da pessoa em seu itinerário formativo.

PALAVRAS-CHAVE: Edith Stein; A arte de formar; Visão pedagógica; Ser humano; Autonomia.

ABSTRACT: The present article identifies some characteristics of Edith Stein's pedagogical vision and its development in the context of the consecrated religious life and the priesthood's formative itinerary. The German term “Bildung” corresponds to what we translated by the term “formation”. It means configuring the soul to what the person should become. Therefore, the question about who is the human being is highly valued. In this process, God is the most essential instructor. In his freedom and finitude, the human being will receive or not the divine grace. The path of formation, therefore, is a path of autonomy, for every formation is self-formation. Thus, Edith Stein's pedagogical understanding invites the religious formation to understand the first and the fundamental role of person in his formative itinerary.

KEYWORDS: Edith Stein; The art of formation; Pedagogical vision; Human being; Autonomy.

Edith Stein (1891-1942) é uma figura multifacetária: mulher, filósofa, acadêmica, educadora, judia, cristã convertida, monja, carmelita, mística, mártir etc. Sua maestria como pensadora permite colocar em diálogo interdisciplinar uma variedade de ciências:

¹ Mestre em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE), professor de teologia na Faculdade Católica de Santa Catarina (FACASC). E-mail: edimar_fernando@yahoo.com.br

filosofia, antropologia, teologia, psicologia, pedagogia, sociologia e tantas outras. Seu estudo, tanto em nível nacional quanto internacional, está em ampla ascendência, favorecendo consideravelmente o campo de pesquisa e discussão.

Essa pensadora tem muito a oferecer quando refletimos o tema da formação humana. Sua concepção antropológica compreende a interioridade da pessoa como núcleo central da formação da pessoa. Tal abordagem é consistente e contém referências sólidas para o atual contexto da formação humana, inclusive na especificidade da formação da vida religiosa.

A partir de uma terminologia poética e mística, referindo-se à grande mestra Santa Teresa de Jesus, Edith Stein afirma que a formação “é das artes mais elevadas, cujo material não é nem madeira nem pedra, mas a alma humana”². A missão de tal artista é regida pelo amor e, por isso, não deixa lugar para o temor. A autora alemã é incisiva ao salientar que “o meio mais eficaz para a educação não é a palavra doutrinadora, mas o exemplo vivo sem o qual a palavra carece de valor”³.

O objetivo de nosso artigo é identificar algumas características da visão pedagógica de Edith Stein e seus desdobramentos no contexto do itinerário formativo da vida religiosa consagrada e do presbiterato. Para isso, primeiramente definiremos o que Edith Stein compreende por formação da pessoa humana. Em seguida, apresentaremos, a partir da compreensão de homem proposta por Edith Stein, as características do sujeito que é educado. Por fim, elucidaremos o papel do formando como principal responsável por sua autoformação.

1. O conceito de “Bildung”

O termo polissêmico alemão que Edith Stein utiliza e que traduzimos por formação é “Bildung”⁴. Assim como outras palavras terminadas em “-ung” (no espanhol –ción e no

² STEIN, Edith. *Una maestra en la educación y en la formación*: Teresa de Jesús. p. 56. In: *Escritos espirituales*. Obras Completas V. Burgos: Monte Carmelo, 2004.

³ STEIN, Edith. *El arte materno de la educación*, p. 379. In: *Escritos antropológicos y pedagogicos*. Obras Completas IV. Burgos: Monte Carmelo, 2002.

⁴ Para José Fernandes Weber, o termo formação é o que melhor evoca, na língua portuguesa, a dimensão pedagógica constituinte de um dos termos mais importantes da língua alemã: “Bildung”. A despeito da polissemia desse conceito, a ideia proeminente “encontra-se vinculada ao movimento de ‘tornar-se o que se é’, ou seja, ao movimento da própria identidade”. Contudo, além desse sentido pedagógico de formação, também há um outro referencial para o significa da palavra: cultivo. Aqui, há uma predileção por analogias vegetais. Poderia, então, se “perguntar o porquê dessa necessidade; afinal, o que se encontra em questão não é nenhum problema biológico ou zoológico, e sim, um problema de cultura, de civilização. Ocorre que, uma segunda acepção do termo Bildung aponta na direção da valorização dos processos de incorporação,

português –são), tem morfologicamente significados múltiplos. Nesse sentido, “por um lado, significa a atividade de formar, ou, também o processo de ser formado; e, de outro lado, é resultado desta atividade, o que ao objeto ‘formado’ lhe confere o caráter de ‘formado’”. Formar é, portanto, “dar forma a uma matéria”⁵.

Em termos conceituais, Stein afirmará que formação é a “configuração de toda a alma ao que ela deve ser”⁶. Por isso, “a formação não é a posse de conhecimentos exteriores, mas a configuração que a personalidade humana assume sob a influência de múltiplas forças formadoras”⁷. Ela encaminha a pessoa para a plenitude de sua essência. Trata-se de uma aventura interior, na qual vida e pensamento estão indissolúvelmente unidos⁸. Refere-se à ideia de uma abertura de coração, movida pela força transformante da verdade⁹.

Para explicitar o fato de que a primeira e mais fundamental configuração ocorre no interior da pessoa, a carmelita recorre à bela imagem de uma semente. Do mesmo modo que um germe esconde determinada forma interior, com uma força invisível, que faz com que cresça uma árvore, também no ser humano se esconde uma forma interior. Ela é responsável pelo desenvolvimento da pessoa em determinada direção. Assim, chegar-se-á a uma configuração determinada de sua personalidade madura, plenamente desenvolvida, e com suas particularidades individuais definidas¹⁰.

A essa energia primeira se juntam outras, que provêm tanto do exterior quanto do interior. Por exemplo, uma criança pequena, com toda sua potencialidade teleológica interior, é dependente também de formadores externos. Eles providenciam os alimentos e outros elementos que permite o desenvolvimento da criança. Por isso, se poderá dizer que a efetivação de tarefas adequadas a partir do exterior possibilitará ao formando chegar ao cume da realização de seu potencial¹¹.

de transformação” (WEBER, J. F. *Bildung e educação. Educação & Realidade*. Porto Alegre: UFRGS, jul.dez., 2006. p. 126-127.). Em nosso trabalho, utilizaremos como sinônimo de formação o termo educação, compreendendo “e-ducere” como “levar para fora de”, “fazer sair de” (cf. RUS, Éric de. *A visão educativa de Edith Stein: aproximação a um gesto antropológico integral*. Belo Horizonte; Artesã, 2015. P. 47.).

⁵ STEIN, Edith. *Sobre el concepto de formación*. p. 180. In: *Escritos antropológicos y pedagogicos*. Obras Completas IV. Burgos: Monte Carmelo, 2002.

⁶ STEIN, *Sobre el concepto de formación*. p. 179. Essa sua definição é também compartilhada, segundo ela mesma, por outros autores: Otto Willmann, Georg Kershensteiner e Franz Xaver Eggersdorfer (cf. STEIN, Edith. *Sobre el concepto de formación*. p. 179.)

⁷ STEIN, Edith. *Fundamentos de la formación de la mujer*. p. 197. In: *Escritos antropológicos y pedagogicos*. Obras Completas IV. Burgos: Monte Carmelo, 2002.

⁸ Cf. RUS, *A visão educativa de Edith Stein*, p. 13.

⁹ Cf. RUS, *A visão educativa de Edith Stein*, p. p. 105-106.

¹⁰ Cf. STEIN, *Fundamentos de la formación de la mujer*, p. 198.

¹¹ Cf. STEIN, *Fundamentos de la formación de la mujer*, p. 198.

No mundo, há ações programadas e previstas, mas também influxos sobre os quais o educador não tem domínio. São material formativo aqueles influxos exteriores capazes de entrar no interior da alma do formando. Tal material não é acolhido somente com os sentidos e o entendimento, mas, também, com o coração e o sentimento¹². Quando isso acontece, por sua vez, esse verdadeiro material formativo, “se realmente se configura na alma, deixa de ser um simples material, começa a atuar configurando, educando, e ajuda a alma na configuração determinada para ela”¹³.

Os fatores educativos, por sua vez, estão subordinados a uma dimensão decisiva: a disposição natural da pessoa. Para a autora, “só há uma força configuradora que, diferente de todas até aqui mencionadas, não está ligada aos limites da natureza, mas que é capaz de transformar a partir do interior a forma mesma plasmadora interior: é a força da graça”¹⁴.

Aqui fica mais evidente a figura de Deus como o formador por excelência. Ao colocar no ser humano aquela semente que lhe permite o desenvolvimento e a evolução, Deus deixou que esse processo dependesse de diversos fatores externos, bem como da livre vontade do homem. Porém, pode haver, pela divina providência, de vez em quando, uma intervenção divina chamada milagre¹⁵. Quando nenhum material formativo humano ou qualquer medida formativa de um educador é capaz de mudar a natureza de uma pessoa, Deus pode conceder dons à natureza e “transformar a natureza e, assim, influenciar, a

¹² Para Juvenal Savian Filho, um termo que poderia ser utilizado para traduzir essa ideia de sentimento seria também sentido afetivo. No alemão, refere-se a palavra “*gelmüt*” e não se encontra um termo equivalente no português. Não se trata “nem de uma operação intelectual de percepção/construção de um sentido nem de um ato da sensibilidade ou percepção por meio dos sentidos físicos, mas da ‘percepção afetiva’ de um sentido, quer dizer, da percepção de um sentido acompanhada imediatamente de um movimento da vontade que inclina a ver esse sentido como um bem”. Designa, em última instância, “uma dimensão ou capacidade do espírito humano para entrar em contato com o mundo dos valores” (Nota 179 [do tradutor]. In: RUS, *A visão educativa de Edith Stein*, p. 73).

¹³ STEIN, *Fundamentos de la formación de la mujer*, p. 198.

¹⁴ STEIN, *Fundamentos de la formación de la mujer*, p. 199. Cf. também: STEIN, *Vida Cristiana de la mujer*, p. 324.

¹⁵ Para Edith Stein, o milagre ocorre quando Deus “intervêm no curso de fenômenos naturais externos e faz que as coisas sejam capazes de realizar o que não está na natureza, de modo que também realiza ‘milagres’ no mundo interior; o que designamos efeitos da graça” (STEIN, *Sobre el concepto de formación*, p.192). Nesse ponto, cabe aos formadores o são equilíbrio entre fé e razão. De um lado, está a percepção de que é Deus quem chama e que ele tem o poder de realizar os milagres necessários. Por outro, cabe o discernimento e o bom senso para identificar cada uma das realidades do formando. Deus pode mudar a natureza? Sim. Contudo, a própria autora coloca que que isso ocorre “de vez em quando”, e não em toda e qualquer situação. Penso aqui nos muitos casos em pessoas desequilibradas (espiritual, emocional e psiquicamente) que são, equivocadamente, aceitas nas casas religiosas e não são dispensadas devido uma fé ingênua na graça de Deus. Nesse sentido, o tema da graça não pode estar desvinculado da liberdade humana e da abertura da pessoa para tal. Para o tema do discernimento, conferir MOREIRA, Edimar. O discernimento em João Cassiano: pistas para responder ao chamado de Deus no itinerário vocacional. *Convergência*, Rio de Janeiro, v. 53, p. 112-121, 2018.

partir de dentro, o processo formativo de tal maneira que resulte surpreendente e assombroso, sobretudo para aquele a quem lhe sucede”¹⁶.

Ao dizer que o ser humano não é o maior e o mais essencial educador, mas Deus, Stein convida o educador humano a considerar com modéstia e humildade sua ação. Nesse sentido, a bem da verdade, não se pode prever o sucesso formativo, nem tendo à frente as melhores personalidades ou os excelentes institutos educativos. Eles poderão fazer somente aquilo que é humanamente possível. Deve-se contar com a natureza existente e com todos os influxos externos. Contudo, poder-se-á vislumbrar algum sucesso em um trabalho formativo quando “o discípulo chega decididamente graças a ele e o continua por si mesmo na direção iniciada”.¹⁷

Portanto, vimos que para Stein a formação visa levar o ser humano a sua completude, isso é, leva o ser humano a ser aquilo que ele deve ser. Importa, agora, refletir sobre o tipo de material implicado e qual a obra que se deseja alcançar.

2. Visão de ser humano

O ser humano, no itinerário formativo, não é a única medida do homem. A configuração que se faz no processo formativo não tem como modelo algo construído por mãos humanas, reduzindo o processo da pessoa a uma mera performance ou a um adestramento superficial ou uma simples caricatura do aperfeiçoamento de si predito pela educação¹⁸. Seria muito pouco para um formando na Vida Religiosa Consagrada reduzir sua formação ao paradigma de um formador ou de um conteúdo formativo. A formação (formadores e formandos) deve ter uma meta maior, mais sublime.

Todo o trabalho educativo que vise formar a pessoa traz consigo uma determinada visão de ser humano. Disso, também se conclui o seu lugar no mundo e sua missão na vida, bem como aquelas possibilidades práticas em vista de formá-las¹⁹. A questão nuclear, portanto, é saber a visão de ser humano que se tem. A partir dessa constatação, saber a imagem de ser humano que se anseia formar. Na formação das casas religiosas,

¹⁶ STEIN, *Sobre el concepto de formación*, p. 192.

¹⁷ STEIN, Edith. *Vida Cristiana de la mujer*. P. 331-332. In: *Escritos antropológicos y pedagogicos*. Obras Completas IV. Burgos: Monte Carmelo, 2002.

¹⁸ RUS, *A visão educativa de Edith Stein*, p. 96.

¹⁹ Cf. STEIN, Edith. *Estructura de la persona humana*. P. 562. In: *Escritos antropológicos y pedagogicos*. Obras Completas IV. Burgos: Monte Carmelo, 2002.

por exemplo, se o parâmetro de ser humano não for claro, dificilmente se poderá avançar no desenvolvimento humano do formando.

Na obra de Edith Stein, a questão “O que é o ser humano?” se apresenta como um eixo para decifrar de modo unificado sua contribuição intelectual. A resposta não é óbvia e remete-se a uma tarefa da antropologia²⁰. A educação é, nesse sentido, um gesto antropológico integral preciso. Por ela, cada pessoa é encaminhada para sua essência no condizente a sua destinação natural ou sobrenatural²¹.

O método escolhido por Edith Stein para responder sua pergunta sobre o ser humano é o da fenomenologia²². Ela teve contato com ele por meio de sua relação com Edmund Husserl no período em que estudou na cidade de Breslau (1911-1913). Na formação da escola fenomenológica, os discípulos de Edmund Husserl utilizavam um método comum de investigação: o analítico. Esse elemento significa “que não se parte dos princípios sumos derivando deles as consequências, mas parte-se sempre do que se vê, buscando compreender e descrever o dado”²³.

Segundo Stein, “o objetivo da fenomenologia é a clarificação e, com ela, a fundamentação última de todo o conhecimento. Para chegar a este objetivo, exclui-se de sua consideração tudo o que é de alguma forma dubitável, o que pode ser eliminado”²⁴.

Assim, o princípio mais elementar do método fenomenológico é fixar a atenção sobre as coisas mesmas. Para isso, é preciso que se deixe de interrogar sobre as teorias das coisas, para se aproximar, de fato, das coisas mesmas, livre de prejuízos, e beber da intuição imediata. Desse modo, chegamos a um segundo princípio que nos pede para dirigirmos o olhar ao essencial. A intuição não é somente uma percepção de algo particular e determinado. Existe uma intuição do que a coisa é por essência²⁵. O fenômeno surge como uma base exemplar de uma consideração de essência. A fenomenologia não descreve apenas a percepção singular, mas se pergunta pela percepção geral, segundo sua essência²⁶.

²⁰ RUS, *A visão educativa de Edith Stein*, p. 26.

²¹ RUS, *A visão educativa de Edith Stein*, p. 12.

²² Segundo Angela Ales Bello, o substantivo fenomenologia é formado de duas partes, ambas oriundas de palavras gregas. “Fenômeno” significa aquilo que se mostra, enquanto que “logia”, que deriva de *logos*, dentre outros significados, pode ser considerada como capacidade de refletir. Dessa forma, a fenomenologia é uma reflexão sobre um fenômeno ou sobre aquilo que se mostra (cf. *Introdução à fenomenologia*. Bauru: EDUSC, 2006. P. 18-19.).

²³ BELLO, Angela Ales. *Fenomenologia e Ciências humanas*. Bauru: EDUSC, 2004. p. 73.

²⁴ STEIN, Edith. *Sobre el problema de la empatía*. Madrid: Trotta, 2004. P. 19.

²⁵ STEIN, *Estructura de la persona humana*, p. 590-591.

²⁶ Cf. STEIN, *Sobre el problema de la empatía*, p. 20.

Para o processo de discernimento vocacional, o método fenomenológico se mostra bastante apropriado. Sem querer torna-lo demasiado simplista, muitas vezes cabe ao formador a atitude de recolher fatos que darão indícios do chamado e resposta autênticos do formando. Não se pode medir uma vocação simplesmente por fatos isolados. Mas o conjunto dos fatos irá permitir ao acompanhante ter uma intuição mais segura sobre para onde os fatos querem realmente apontar.

Mas, afinal, qual a visão de ser humano que Stein propõe? Em outros termos, “qual a imagem segunda a qual se há de formar o homem?”²⁷ Um processo formativo consciente terá sempre uma imagem, uma meta ou um arquétipo ante os olhos. Contudo,

O que está determinado para o homem enquanto homem e para o indivíduo como meta, não é perfeitamente conhecido por nenhum olho humano. Algo de todo ele é conhecido, algo sentido e algo se intui. Com clareza e plenitude só Deus vê, aquele que determinou uma meta para cada natureza e que colocou no seu interior a tendência rumo à meta²⁸.

Foi Deus que criou o ser humano à sua imagem. Apenas ele é capaz de ver em plenitude tal imagem. Nós a vemos de modo imperfeito e unilateral por meio das criaturas. Só podemos contemplar de modo perfeito em Jesus e na Palavra da Revelação, que nos são notícia de Deus²⁹. Deveríamos nos apropriar dessa imagem, quanto mais pudéssemos. Nesse caminho, “devemos assimilar em nós essa imagem, o quanto mais seja possível, para que nos transforme de forma interior e nos forme por dentro”. O conhecimento, porém, nunca será pleno, nem para mim mesmo, nem para os outros. Por isso, “nunca estaremos em condições de empreender nosso labor de formação, em nós mesmos ou nos outros, com infalível segurança”³⁰. De fato, “o homem jamais conseguirá explorar totalmente o seu íntimo, este é um segredo de Deus que só ele pode desvendar conforme lhe aprouver”³¹.

A segurança, portanto, reivindica ao cristão um ato de fé. Aqui reside o mistério da vida e a possibilidade de perscrutar um caminho pelas vias da fé. Colocar-se-á sob a mão daquele que é o único que sabe aquilo que a pessoa teria que ser. Ele é o único que tem o poder de conduzir a pessoa a essa meta, contanto que se tenha boa vontade. Por isso, conta também com a liberdade, mas também a realidade da pessoa.

²⁷ STEIN, *Sobre el concepto de formación*, p. 192.

²⁸ STEIN, *Sobre el concepto de formación*, p. 193.

²⁹ Para Edith Stein, “mulheres e homens, enquanto seres humanos, receberam uma meta comum de formação: sede perfeitos como vosso Pai celestial é perfeito. Este fim da formação está, de forma visível, ante nossos olhos, na pessoa de Jesus Cristo. Chegar a ser sua imagem viva é a meta para todos nós” (STEIN, *Fundamentos de la formación de la mujer*, p. 209.).

³⁰ STEIN, *Sobre el concepto de formación*, p.193.

³¹ STEIN, Edith. *A ciência da cruz*. São Paulo: Loyola, 1988. P. 134.

A pessoa tem a possibilidade de fazer diversas escolhas, incorporando ou ignorando aquilo que faz mal ou bem no seu corpo ou na sua alma. Ela pode colocar-se aberta ou fechada diante de propostas que lhe chegam. Trata-se de um ter nas mãos a si mesma. Ou seja, é a vontade que dá a direção à alma e ao corpo³².

O conhecer-se, por sua vez, requer um reconhecimento de finitude³³. Ela se apresenta sob dois aspectos principais: “por um lado, por não existir desde toda a eternidade, mas de ter sido criado, e, por outro lado, porque seu ser é limitado”³⁴. A finitude humana e de todas as coisas criadas, portanto, sempre se remete a um infinito que é Deus. Seja em seu interior, seja no mundo exterior, podem ser encontrados sinais que indicam um “algo” acima dele e de tudo, do qual tudo depende³⁵.

Mesmo carregando em si a liberdade, a autonomia da pessoa, em certo sentido, não é plena ou incondicional. Para Stein, “onde falta o dom natural requerido, pouco se pode alcançar com o exercício”³⁶. A pessoa nem sempre é capaz de, em tudo o que almeja, tornar a si mesma. Seu querer é condicionado pelas tendências naturais. Até pode ocorrer de esses limites naturais serem ultrapassados pelo querer racional. Isso se dá, porém, por meio de uma sobreposição de características que com o tempo desaparecem³⁷.

No processo formativo, cabe recordar que:

Há forças involuntárias que estimulam ações muitas vezes não desejadas pela consciência do sujeito. Nisso se compreende que a formação é autoformação, mas nem tudo está ao alcance daquele que se forma. Há uma causalidade psíquica que pode comandar o seu querer e há agentes advindos do ambiente que podem impedir ou danificar certos processos necessários na formação³⁸.

É preciso, portanto, conformar-se com o fato de “ser algo e não ser tudo” que é característico do ser humano. Nas palavras de Rus, “é justamente à luz da finitude humana assim compreendida que convém aprender a educação. [...] Ora, a educação nada mais é do que precisamente esse processo de atualização das potencialidades da pessoa, processo de incansável aperfeiçoamento”³⁹.

Por isso, aquele que se coloca como formador:

Precisa antes de tudo ter uma sólida formação antropológica e filosófica para saber entender de gente, conhecer o “material” que vai ter nas mãos, para compreender a fase do desenvolvimento biopsíquico, afetivo e social que o educando está vivendo; necessita conhecer a natureza específica de cada um,

³² Cf. STEIN, *Sobre el concepto de formación*, p.190.

³³ RUS, *A visão educativa de Edith Stein*, p. 40.

³⁴ STEIN, *Estructura de la persona humana*, p. 677.

³⁵ ZILLES, Urbano. Notas sobre o conceito de pessoa em Edith Stein. In: MAHFOUD, Miguel; FILHO, Juvenal Savian (orgs.). *Diálogos com Edith Stein: Filosofia, Psicologia, Educação*. São Paulo: Paulus, 2017. P. 369-394 [aqui: p. 381].

³⁶ STEIN, *Sobre el concepto de formación*, p. 190.

³⁷ Cf. SBERGA, Adair Aparecida. *A Formação da Pessoa em Edith Stein*. São Paulo: Paulus, 2014. P. 204.

³⁸ SBERGA, *A Formação da Pessoa em Edith Stein*, p. 204-205.

³⁹ RUS, *A visão educativa de Edith Stein*, p. 42.

perceber suas características e talentos pessoais, adquirir habilidades para saber lidar com essas individualidades e, acima de tudo, ter um objetivo pedagógico que seja verdadeiramente formativo⁴⁰.

Edith Stein não prega nenhuma uniformização. Até mesmo no máximo nível da união de amor com Deus, a individualidade pessoal é mantida⁴¹. Para a formação da Vida Religiosa Consagrada, é um grande desafio ainda compreender a pessoa como única e não partir do princípio que todos devam ter uma formação idêntica ou que estimule todos a alcançarem os mesmos resultados. O conhecimento das potencialidades e limites de cada formando ajudarão cada um a partir de uma formação personalizada.

Também não se trata de um conformismo. O formador diz que a pessoa não tem condições e pronto. É preciso observar o processo de amadurecimento da pessoa. A formação é um trabalho que leva uma vida. Sempre se pode crescer. O principal responsável pela formação, isto é, o formando, por sua vez, precisa ocupar seu lugar no processo formativo.

3. A autoformação

Edith Stein irá tomar o tema da autoformação como uma chave para compreender formação como tal. Para ela, “todo formar é autoformar; dito mais claramente: em toda atividade formadora o ativo se forma a si mesmo, isto é, o sujeito e o objeto desta atividade é o mesmo”. Em outros termos, “toda formação é formação autoadquirida”. Nesse contexto, também podemos assinalar que “toda formação é crescimento”⁴².

A forma não é algo que já esteja de antemão acabada. Ela vai se construindo. Tal qual uma semente vai se desenvolvendo até ser uma planta, a forma deve ir se imprimindo ao longo do processo evolutivo, em sintonia com a assimilação de materiais espirituais. A razão é a responsável para discernir sobre a pertinência ou não daquele material que chega ao ser humano. Participará desse processo o espírito. Enquanto a matéria é inerte e inativa, o espírito é ativo e vivo⁴³.

Assim:

Quando a alma recebe em si uma grande quantidade de material espiritual e o elabora racionalmente, então ela está preparada para atuar e mover-se; se sente empurrada a fazer que sua própria essência, que

⁴⁰ SBERGA, *A Formação da Pessoa em Edith Stein*, p. 215-216.

⁴¹ Cf. RUS, *A visão educativa de Edith Stein*, p. 124.

⁴² STEIN, *Sobre el concepto de formación*, p. 188.

⁴³ Cf. STEIN, *Sobre el concepto de formación*, p. 186.

interiormente lhe plasma a forma, demonstre sua eficácia exterior, em atos e obras que dão testemunho dela⁴⁴.

O ser humano pode e deve formar a si mesmo. Diferentemente dos animais que vivem o jogo do estímulo-resposta, ele pode e deve se posicionar diante daquilo que lhe convém. Dada sua liberdade, ele pode tomar decisões e de tal poder nasce sua possibilidade de dever. Por isso, “o ser humano, que é consciente e livre de si mesmo, é um ser livre e espiritual e tem o dever de desenvolver sua natureza, a fim de aperfeiçoá-la plenamente enquanto pessoa humana. A pessoa livre e espiritual é a que conquistou certo autodomínio sobre si e possui uma espiritualidade pessoal”⁴⁵.

Segundo os critérios steinianos, pode até ocorrer que alguém que se coloque no caminho de seguimento a Deus, o faça primariamente baseado numa pertença à Igreja meramente exterior. Contudo, logo que se coloque no caminho, buscará o fundamento último que é a vida interior, pois a formação se dá de dentro para fora, do interior para o exterior⁴⁶.

Para Stein, o ser humano “é chamado a viver em seu íntimo e, conseqüentemente, a governar-se a si próprio, o que só é possível nesse ponto de apoio. Assim, ele poderá decidir e assumir um lugar conveniente frente ao mundo”⁴⁷. Desse modo, mesmo tendo sua base na interioridade, essa deve, gradativamente, unir-se à exterioridade⁴⁸.

Nesse sentido, Rus afirma que a formação em Edith Stein é um verdadeiro gesto de criação. Ele refere-se a uma interação entre a liberdade do indivíduo e sua energia e o conjunto de dados que atuam tanto na parte exterior quanto interior e tornam-se também fontes de energias para alimentar o processo formativo. Assim, a arte de formar consiste em fazer com que as múltiplas influências concorram para o objetivo educativo almejado, que é o de ser humano plenamente desenvolvido⁴⁹. Responder a um chamado vocacional, por isso, exige, do ser humano, criatividade.

Não é o formador quem oferecerá ao formando tudo o que ele precisa. O formador tem o papel de ser um condutor, um facilitador do processo. Por melhor proposta que se tenha ou a intensão do formador, nem tudo o que o formando necessita pode ser previsto. Se tomada a sério, tanto pelo formando quanto pela formação, a própria dinâmica da vida

⁴⁴ STEIN, *Sobre el concepto de formación*, p. 187.

⁴⁵ SBERGA, *A Formação da Pessoa em Edith Stein*, p. 208.

⁴⁶ STEIN, Edith. *Vida escondida y Epifanía*. P. 637. In: *Escritos spiritualis*. Obras Completas V. Burgos: Monte Carmelo, 2004.

⁴⁷ STEIN, *A ciência da cruz*, p. 134.

⁴⁸ Cf. RUS, *A visão educativa de Edith Stein*, p. 57.

⁴⁹ Cf. RUS, *A visão educativa de Edith Stein*, p. 86.

vai trazendo a tona aquilo em que o formando necessita crescer. Por isso é fundamental sempre deixar espaço para a criatividade e graça de Deus.

Conclusão

A pesquisa sobre a visão pedagógica de Edith Stein e sua relação com o itinerário formativo da Vida Religiosa Consagrada e presbiteral pode abrir várias perspectivas. Destacarei duas. A primeira está no campo educacional que convida a Pedagogia a refletir sobre a autonomia e o protagonismo do educando. A segunda consiste na possibilidade de aplicar concepções da pedagogia steiniana às realidades formativas de Institutos de Vida Religiosa e de dioceses.

A visão de homem, subjacente à compreensão pedagógica de Edith Stein, portanto, nos convida a buscar meios para favorecer novas práticas formativas que levem em consideração o papel primeiro e fundamental do formando em seu itinerário formativo. A formação, desse modo, é mais do que simplesmente aplicar conteúdos e avaliar o quanto o indivíduo corresponde ou não ao que lhe foi pedido. Ela é, antes, uma arte, que, com mãos cuidadosas de artista, pode ir se concretizando na vida do formando.

Referências

APARICIO, Afonso. *Edith Stein*. Roma: San Sebastián, 1987.

BELLO, Angela Ales. *A fenomenologia do ser humano*. Bauru: EDUSC, 2000.

_____. *Fenomenologia e Ciências humanas*. Bauru: EDUSC, 2004.

_____. *Fenomenologia e ciências humanas: implicações éticas*. Disponível em: <http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/a11/alesbello04.htm#4>. Acesso em: 26 de set. 2009.

_____. *Introdução à fenomenologia*. Bauru: EDUSC, 2006.

FILHO, Juvenal Savian. *Empatia, Edmund Husserl e Edith Stein*. São Paulo: Edições Loyola: 2014.

GARCIA, Jacinta Turolo. *Edith Stein e a formação da pessoa humana*. 2. ed. São Paulo: Loyola.

LLENÍN, Fernando. Edith Stein y la voluntad de la verdad. *Monte Carmelo - Revista de Estudios Carmelitanos*. Burgos, v. 107, n. 2-3, p. 311, 1999.

LUIS, Luciano Luis. Edith Stein y las relaciones judeocristianas. *Monte Carmelo - Revista de Estudios Carmelitanos*. Burgos, v. 107, n. 2-3, p. 297. 1999.

MAHFOUD, Miguel; FILHO, Juvenal Savian (orgs.). *Diálogos com Edith Stein: Filosofia, Psicologia, Educação*. São Paulo: Paulus, 2017.

MANGANARO, Patrizia. *Fenomenologia da Relação: a pessoa humana em Edith Stein*. Curitiba: Juruá Editora, 2016.

MOREIRA, Edimar. O discernimento em João Cassiano: pistas para responder ao chamado de Deus no itinerário vocacional. *Convergência*, Rio de Janeiro, v. 53, p. 112-121, 2018.

MUSSO, Renza Cerri. *La pedagogia dell'einfühlung: saggio su Edith Stein*. Brescia: La Scuola, 1995.

PERETTI, Clelia. *L'empatia nel rapporto interpersonale in Edith Stein*. 2003. 133 f. Dissertatio ad gradum Magisterii. Pontificium Athenaeum Antonianum, Roma.

_____. DULLIUS, Vera (orgs.). *A arte de educar: por uma pedagogia empática em Edith Stein*. Curitiba: Prismas, 2018.

RUS, Éric de. *A visão educativa de Edith Stein: aproximação a um gesto antropológico integral*. Belo Horizonte: Artesã, 2015.

SANCHO, Francisco Javier. *Filosofía y vida: el itinerario filosófico de Edith Stein*.

Disponível em:

<<http://dspace.unav.es/dspace/bitstream/10171/389/6/1.%20FILOSOF%20C3%8DA%20Y%20VIDA,%20EL%20ITINERARIO%20FILOS%20C3%93FICO%20DE%20EDITH%20STEIN,%20FRANCISCO%20JAVIER%20SANCHO.pdf>> Acesso em: 05 jan. 2009.

SAWICKI, Marianne. *The Phenomenology of Edith Stein*. Hesburg libraries. Notre Dame.

Disponível em:

http://www.library.nd.edu/colldev/subject_home_pages/catholic/personal_connections.html. Acesso em: 06 mar. 2009.

SBERGA, Adair Aparecida. *A Formação da Pessoa em Edith Stein*. São Paulo: Paulus, 2014.

STEIN, Edith. *A mulher*. Bauru: EDUSC, 1999.

_____. *A ciência da cruz*. São Paulo: Loyola, 1988.

_____. *Escritos autobiográficos y cartas*. Obras Completas I. Burgos: Monte Carmelo, 2002.

_____. *Escritos antropológicos y pedagógicos*. Obras Completas IV. Burgos: Monte Carmelo, 2002.

_____. *Escritos spiritualis*. Obras Completas V. Burgos: Monte Carmelo, 2004.

_____. *Psicologia e science dello spirito: contributi per una fondazione filosofica*. 2 ed. Roma: Città Nuova, 1999.

_____. *Ser finito y ser eterno*. Mexico: Fondo de Cultura Económica, 1994.

_____. *Sobre el problema de la empatía*. Madrid: Trotta, 2004.

WEBER, J. F. Bildung e educação. *Educação & Realidade*. Porto Alegre: UFRGS, jul.dez., 2006.